



VIDA, MORTE E MEMÓRIAS NO QUILOMBO SANTA ROSA DOS PRETOS

Priscila Fernandes Gomes Araújo Lopes¹

Introdução

O presente trabalho se desenvolve como um gesto inicial de análise a partir da pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-graduação em Letras Bacabal na Universidade Federal do Maranhão– PPG LB/UFMA e do projeto de pesquisa atualmente desenvolvido no Grupo de Estudo e Pesquisa e Discursos, Interseccionalidades e Subjetivações GEPEDIS/UFMA/ CNPQ3. Esta pesquisa situada no campo da Análise de Discurso materialista trata dos efeitos de sentido de vida e morte como temas que perpassam as narrativas dos moradores do Quilombo Santa Rosa dos Pretos, no município de Itapecuru-Mirim, no Maranhão. Tais narrativas se constituem numa relação com conflitos pela manutenção de suas terras, contra as imposições em relação ao uso do território pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte (DNIT), que tem progredido no processo de duplicação da BR 135, visando o escoamento de commodities, e da empresa Vale S.A., envolvendo também a duplicação das ferrovias que possibilitam o escoamento do minério de ferro extraído das minas de Carajás e do ferro produzido em uma nova mina no Pará, ambas administradas pela Vale S.A. Tanto a rodovia quanto as estradas de ferro cortam o território do quilombo e jogam contra a titulação das terras. Sob o impacto desse acontecimento, pretendemos apreender quais efeitos de sentido se projetam nos enunciados sobre “vida” e “morte” nos dizeres dos quilombolas e quais memórias sustentam esses dizeres. Partimos da hipótese de que há um processo de deslocamento de sentidos de “vida” como uma continuidade no tempo (morre o corpo físico e a vida continua como outra forma de existir), e, por outro lado, os sentidos de “morte” se constituem numa dualidade: uma morte branca onde não existe vida (como um projeto do capitalismo contra seu modo de vida e sua existência que resiste nas terras do Quilombo, matando a natureza que o sustenta) e uma morte preta como passagem para outra forma de existência. Assim, discute-se nesta pesquisa os sentidos de “vida” e “morte” ditos pelos quilombolas, em um contexto de violência do Estado (Foucault, [1975-1976] 2005), do neoliberalismo, de luta pela manutenção do território e de sobrevivência física, cultural-espiritual. Ao tempo em que se busca também denunciar o projeto racista e predatório presente no conflito com o DNIT e com a Vale, propõe-se a uma reflexão sobre a realidade histórica da comunidade e a exclusão social que os quilombolas enfrentam ainda hoje no Brasil. O objetivo do trabalho é compreender os efeitos de sentido sobre “vida” e “morte” que se projetam nos discursos de sujeitos em posição de representantes do Quilombo Santa Rosa dos Pretos, bem como percorrer as redes de memórias que sustentam seus dizeres.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Bacabal (PPGLB), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Membro do grupo Estudo e Pesquisas em Discursos, Interseccionalidades e Subjetivações – GEPEDIS/ CNPq. priscila.fernandes@discente.ufma.br.

Processos metodológicos

Através do dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso materialista realizou-se pesquisa bibliográfica e gestos de interpretação em torno do documentário *O mundo preto tem mais vida (2018)*, que versa sobre o conflito existente na comunidade. Ao iniciar o documentário intitulado “O MUNDO PRETO TEM MAIS VIDA”, somos apresentados a uma espécie de denúncia feita pela comunidade em relação à duplicação da BR 135. O mundo preto, expresso aqui, se coloca em uma relação metafórica com o sujeito racializado e com tudo que envolve seu processo de luta: sua forma de (re)existir, seus ancestrais, encantados, seres invisíveis, valor do território, saberes que não se limitam às epistemologias ocidentais. Assim, buscamos em nosso gesto teórico e político, trazer para o debate o reconhecimento de grupo, de vidas, de histórias e culturas que se entrelaçam e que, exercendo seu poder e direito de existir, tem suas histórias de lutas que fazem cruzar senzalas, favelas, cortiços, porões, alagados, tribos e guetos. Para tal partiremos dos seguintes questionamentos: Quais efeitos de sentido se (re)produzem nos discursos sobre vida e morte ditos pelos quilombolas? Quais regiões da memória sustentam esses dizeres?

Gestos de análises

Observando as formulações produzidas nos episódios do documentário em análise, destaca-se o modo como as falas dos moradores do Quilombo Santa Rosa dos Pretos se constituem em denúncias dos acontecimentos em torno dessas violações cometidas, pelo DNIT, na obra de duplicação da Estrada BR135, e pela Vale S.A., por meio da Estrada de Ferro Carajás, contra esses moradores. Em torno dessa regularidade de se pensar a denúncia na fala desses moradores, delimitamos um recorte mais específico em torno do objetivo de compreender os efeitos de sentido de vida e morte, produzidos e reproduzidos nos discursos de representantes do Quilombo Santa Rosa dos Pretos. Ao ponto que se projeta diferentes sentidos de morte, propõe-se a uma reflexão e análise a partir de duas sequências discursivas: SD1: “*O mundo preto tem mais vida, a ideia de modernidade é uma ideia de morte.*” (Jocicléa Pires); SD2: “*Mas a morte branca é ruim, porque a morte preta é diferente, na morte preta a gente consegue entender essas outras relações, consegue entender o contato com outros mundos;* (Anaclea Pires).



Marcando estes dizeres somos apresentados a uma denúncia que é feita sob uma tela inteiramente preta, cor esta, que dentre diversos sentidos e contradições, pode remeter diretamente ao luto e à política de morte, memórias que nos informam que os sentidos não se encontram apenas nas palavras. Pois segundo Peirce ([1958] 1995), "o símbolo diz respeito à ocorrência repetida de uma ideia geral, assimilada em diferentes contextos. Assim, a cor preta como signo de luto ou a cor verde representando a ecologia são exemplos de conexões simbólicas porque têm um caráter geral e recorrente na cultura, não dizem respeito apenas a situações ou objetos particulares". Nesta mesma tela, temos as letras todas em caixa alta sem marcas de pontuação, o que nos leva a perguntar-nos: Busca-se dar ênfase ao enunciado? Temos uma frase afirmativa não pontuada? escritas com letras brancas em destaque com uma cor historicamente ligada à paz, o que nos leva a analisarmos os efeitos de sentidos desta frase apresentando-se em um contraditório de vida e morte. Deste modo, situamos o que entendemos por denúncia, conforme definido por Modesto (2008, p.11).

Proponho o conceito de formas da denúncia para dar visibilidade a um funcionamento discursivo que não se restringe ao domínio do discurso jurídico (domínio em que a denúncia é um instituto do direito penal, uma formalidade processual), mas que acontece em diferentes formas materiais.

Destacamos também como uma regularidade, o jogo de retomada, de forças e de sentidos que (re)escreve o dizer sobre morte e vida presente nesta sequência discursiva. Visando historicizar os sentidos que se projetam no discurso de/sobre vida e morte. Somos o tempo todo apresentados a dois mundos no que diz respeito a uma luta simbólica, um mundo que é apresentado linguisticamente, a partir do substantivo mundo, acompanhado da adjetivação preto. Na Língua Portuguesa, podemos escrever o verbo TER, no presente do indicativo, COM ou SEM o acento circunflexo, mas em situações distintas. Isso significa que as duas formas estão corretas, apenas estão conjugadas em diferentes pessoas do discurso. Nesta sequência temos o verbo ter flexionado de acordo com a flexão de número, neste caso no singular e no presente do indicativo. Analisando o termo *mais vida* tendo neste caso, o advérbio de intensidade acompanhando o substantivo vida, o mundo preto, é apresentado como um mundo capaz de romper com este processo de industrialização que não visa incluir os remanescentes de quilombos dentro de um projeto que valorizasse sua cultura, respeitasse seu território e sua história.

Conforme consta nas SD1, "*o mundo preto tem mais vida*" e na SD2 ao analisarmos os sentidos vivenciados e sentidos pelos sujeitos quilombolas, afirma-se que a "*morte branca é ruim, mas a morte preta é diferente*", pois os efeitos de sentido que são projetados é o efeito do contraditório, que após a morte se entra em contato com outra esfera, com "outros mundos". É neste sentido que percebemos que os discursos são sustentados por uma memória e que neste movimento conhecemos o dizer que não é dito, que silencia através do não dito, mas que pela maneira como marca os dizeres, conhecemos seus sentidos. Portanto, compreendemos com esse discurso, como o objeto simbólico e histórico produz sentido, os não ditos que estão sustentados na memória do terreiro, do Tambor de Mina, nos mostrando a relação entre encantados e o território, a força e a ancestralidade. É essa ancestralidade que analisamos estar presente



em movimentos de sentidos que são apresentados na SD1 quando o sentido de “*tem mais vida*” dialoga diretamente com a possibilidade de “*entender o contato com outros mundos*” apresentado na SD2.

Considerações finais

Portanto, por ora, conclui-se que incluindo as derivas possíveis de denúncia, pensamos ser possível tomar os efeitos de sentido formulando uma versão da “morte” enquanto gesto político e social materializada em um documentário. Destacamos, também, como uma regularidade no jogo de retomada, o embate de sentidos que (re)escreve o dizer sobre morte e vida presente neste documentário através da valorização da memória dos que ali viveram e construíram aquele espaço. Nas falas dos moradores de Santa Rosa dos Pretos, durante as cenas do documentário, a todo instante se invoca a memória dos ancestrais, que vieram de terras longínquas e continuam “vivendo” ali, através dos que permanecem vivos. Para a Análise de Discurso, esse gesto nos leva a pensar que o funcionamento da resistência aparece exatamente nos pontos onde a dominação política e ideológica falha. Assim, contra a política silenciadora do Estado, se encontram os quilombos, que buscam novas formas de viver e significar a morte e a vida diante de um cenário tão brutal.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004.** Promulga a Convenção n.º 169 da Organização Internacional do Trabalho-OIT sobre Povos Indígenas e Tribais.
- BRASIL. **Decreto n.º 10.088, de 5 de novembro de 2019.** Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo Federal.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Promulgada em 5 de outubro de 1988.
- CHAVES, Tyara Veriato; FRANÇA, Glória da R. A. Brasilidade, encantaria e resistência: o silêncio e essa “coisa de outra ordem”. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, 2022.
- FRANÇA, Glória. **O braço, o abraço e outros afetos:** discursos de/sobre o quilombo urbano da Liberdade (SLZ-MA). ABRALIN ao vivo - mesa-redonda mulheres e(m) discursos - 18 de junho 2020.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista Arte e Ensaio**, Rio de Janeiro, n. 32, 2016.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em aberto**, v. 14, n. 61, 1994.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007.
- PÊCHEUX, M. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (org.). **Papel da memória.** Trad. e introd. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- PIMENTEL, Mercia Sylvianne Rodrigues *et al.* **Morte-mercadoria na sociedade contemporânea:** análise dos discursos de negatização e positização da morte no capitalismo. Maceió, Repositório UFAL: 2015.



MODESTO, R. **“Você matou meu filho” e outros gritos:** um estudo das formas da denúncia. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

O MUNDO. **O mundo preto tem mais vida.** Direção e produção de: Sabrina Duran. Roteiro: Andressa Zumpano, Ingrid Barros, Sabrina Duran. Fotografia e Som: Andressa Zumpano. Cidade: Itapecuru-Mirim (MA), 2018. Documentário (37 min). Link de acesso on-line: [DOC COMPLETO_O Mundo Preto Tem Mais Vida - Bing video](#). Acesso em: 10 nov. 2022.